



Malanje

08/10/2000

O cântico dos cristãos

HOJE, no coração, o cântico dos cristãos refugiados de Marimba: «É cantarei em nome do Senhor — e cantarei... ainda que o sofrimento venha, eu O louvarei».

Vê-se que não dependuraram as suas harpas nos salgueiros — como o Povo de Deus no cativo da Babilónia. Mais suas raízes e sumo, nos antigos profetas.

Os batuques nas noites de lua continuam a transmitir mensagens de paz e de esperança.

Este é o bairro da Manga, no sopé da montanha do Quéssua e ao lado da Missão metodista com seu hospital, escolas, igreja e habitações totalmente destruídos. Aqui se formou uma elite de cristãos. Aqui ganhei amizade com alguns cristãos da Igreja metodista — cujos exemplos de bondade e fidelidade ao Senhor muito me edificaram.

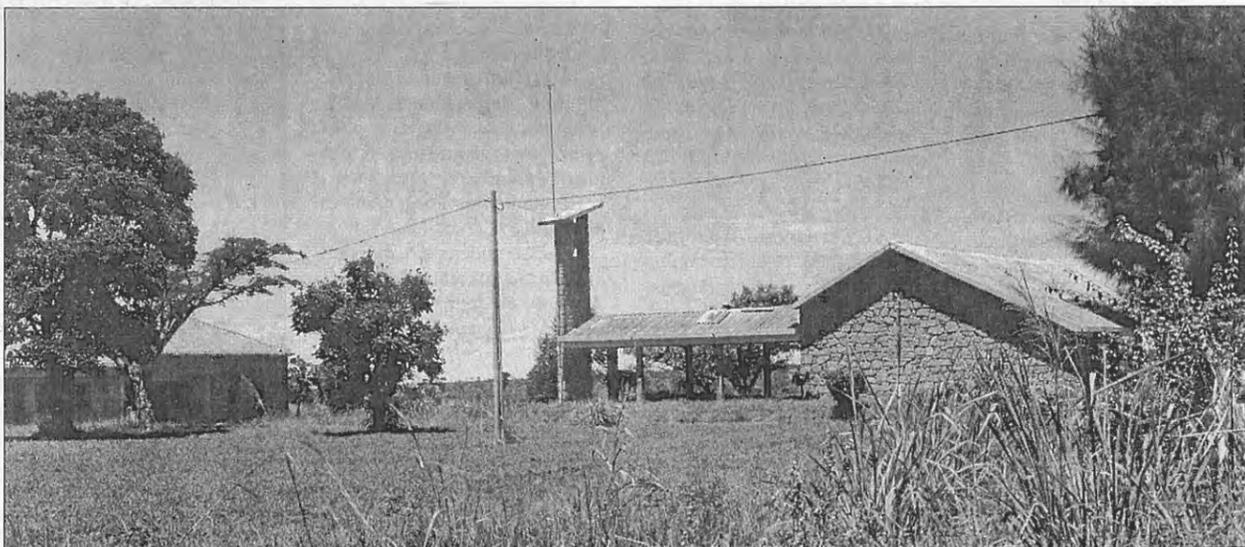
No Ecrã de Deus não desfilam Igrejas, mas os corações de seus filhos.

12/10/2000

Casa repleta!

NO fim do jantar três rapazes — 7, 10 e 12 anos — sentados junto da porta do refeitório — rotos, sujos e débeis.

Que a sua tia os tinha abandonado e tinha ido para a Carianga. O nosso primeiro gesto foi de repulsa e saturação: — A Casa está repleta! Esta impotência irrita-nos e perturba.



Malanje: à direita, as traseiras da Capela; à esquerda, uma casa de habitação.

Comeram e dormiram. Logo de manhã fomos saber da tia. Nem rastos. Mentem os rapazes ou a dita sumiu-se...!

«É a guerra!
É a fome!
É a falta de estruturas!
São as famílias que os mandam!»

Cada qual, desabafa...
E Tu que dizes Senhor?
Passas a bola para nós com o Teu silêncio:
«Esta bola vos pertence.» Certo.
Sempre mais um e a Casa fica armazém... Se os mando, vão dormir como coelhos encolhidos nos cantos dos prédios inacabados...

Continua na página 3

SETÚBAL

Uma aflição

UM Padre do Alentejo, via telefone, expõe-me a situação de um rapaz de 19 anos, atrasado, com algumas perturbações a nível psicológico especialmente a de querer fugir.

Lamentava-se não encontrar ninguém que o recebesse, dado que não tinha família e saíra, há pouco tempo, de um colégio estatal por ter atingido a idade de 18 anos.

A informação é o pedido telefónico enferma de alguma relatividade, por ser desta maneira, embora o sacerdote se tivesse identificado afirmando que me conhecia bem.

Já tenho chegado com alguns rapazes a esta etapa de os lançar na vida e a gente vê-se grego para o conseguir, até porque no ambiente de Casa é-lhes

muito difícil aperceberem-se das suas limitações. Julgam-se sempre iguais aos outros e, às vezes, até superiores, sendo necessário o contacto real com a vida, com a situação desamparada da família, para entenderem que também precisam de puxar por si.

Que fazer aos que não conseguem capacitar-se?

É naturalmente o caso do rapazinho em referência. Não percebe, não entende, não é capaz. Foge, foge!...

Na Casa do Gaiato não o podemos amparar. Se para aqui viesse, por inexperiência nossa, seria um caso sério. Fugiria, passados oito ou quinze dias; levaria consigo um ou dois pequenos; desestabilizaria a nossa vida toda e

Continua na página 4

Testemunhar a Caridade de Cristo

ORA eis — diria Pai Américo. Só o amor de Cristo capacita o homem «para tornar mais humana a vida de cada pessoa». Ele é «o fundamento, o método e o objectivo final desta acção». Pô-la em prática é, necessariamente, testemunhar a Caridade de Cristo. Por isso que «este testemunho é um dos maiores desafios lançados à Igreja dos nossos dias», (...) «todo o empenho contra a pobreza e a miséria abre os corações dos nossos contemporâneos à mensagem do Evangelho porque dá credibilidade ao anúncio da Igreja».

O título que tomo é o de um opúsculo recebido do Conselho Pontifício «Cor Unum», que o Papa Paulo VI fundou em 1971 para a promoção humana e cristã. Nele se relata um recente encontro do Papa com os responsáveis por duas Fundações criadas para realizar tal promoção na África Setentrional (o desértico Sahel) e na América Latina (a «Populorum Progressio»). E as citações acima feitas são da saudação dirigida ao Santo Padre pelo Presidente do referido Conselho Pontifício, que diz mais, na pequenina mensagem aos destinatários deste opúsculo: «A Caridade não é uma opção nem um dado ético/moral da assistência humanitária.

É a prova do amor de Cristo». Sem Ele nada é verdadeiramente humano.

Agora é João Paulo II que responde: regozijando-se por «estas providenciais Instituições que manifestam a sua proximidade concreta de quantos sofrem a miséria e a fome»; e esclarecendo admiravelmente o papel e a consciência com que a Igreja está em todas as acções humanitárias.

«Diante da enormidade das necessidades do mundo de hoje (...) a Igreja sabe

que não pode fazer frente a todas elas, mas esforça-se por dar alguns sinais de esperança concreta que sejam sinais da presença amorosa de Cristo. Com os Seus milagres também Ele queria manifestar a Misericórdia de Deus pelo homem. (...) A Igreja não quer ser uma simples agência de ajuda humanitária; ela deseja, antes, testemunhar de todos os modos a Caridade de Cristo que liberta o ser humano de qualquer mal.»

Continua na página 4

ENCONTROS EM LISBOA

Problemas de sempre

MORREU, há pouco tempo, um homem que me marcou profundamente nas voltas que os pensamentos dão nas nossas cabeças. Foi D. Hélder Câmara, Bispo do nordeste brasileiro, defensor dos Pobres, crítico da

nossa civilização com desenvolvimentos desiguais e, ao mesmo tempo, defensor acérrimo dos movimentos pacíficos para se encontrarem soluções para o nosso mundo. É dele a imagem da espiral da violência que gera mais violência, mas é

igualmente dele a imagem da evolução da nossa sociedade em espiral, não se repetindo, mas subindo, retomando os mesmos problemas, mas encontrando novas soluções mais amadurecidas e mais humanas.

Lembrei-me de D. Hélder, nos últimos tempos, ao ser confrontado com algumas notícias que vêm da liberal Inglaterra e das legislações que, entretanto, por aqui, vamos fazendo. Não me parece que estejamos a voltar atrás, mas estamos a tentar pegar nos problemas de sempre a um

nível superior da reflexão. É a volta da espiral no processo de humanização do nosso mundo.

Vejamos dois ou três exemplos. Há dias, a Comunicação Social informou que houve uma sessão de estudos promovida em Lisboa sobre a responsabilidade cometida aos pais no processo educativo dos filhos e, de uma maneira especial, das crianças que começaram a estar em risco. Pois veio um senhor de Inglaterra dizer

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

SEPARAÇÃO — A mulher foi nora dum santo varão que Deus haja. Figura típica, a cuja porta parávamos, de visita aos Pobres, porque o ancião sabia avaliar tudo — a bem da grei.

Recentemente, fomos abordados pela dita mulher, expondo um rosário de problemas que restam do seu matrimónio, porque divorciada. Acentua, por fim, ter sido sempre doente e, agora, pedia, ao menos, uma «ajudinha» para os medicamentos «tão caros»! — disse.

Entretanto, uma outra, também separada, cuja mudança de estado abalou, e muito, a sua saúde.

Trabalha, algures, mas o salário é pequeno para criar o filho, no nono ano de escolaridade; para os medicamentos necessários à doença; não falando, já, da renda da casa e da alimentação de ambos.

Estes quadros revelam a situação de *novos Pobres*. Gente que vivia razoavelmente e, de um dia para o outro, caem na pobreza rumo à Miséria — se não acudirmos a tempo!

A VOZ DO PAPA — Dirigida às Irmãs da Caridade: «Contagiai as pessoas que estão ao vosso lado com a esperança e a coragem, anunciando-lhes a ternura de Deus que jamais abandona os seus filhos. Num tempo como o nosso, marcado por contrastes entre a opulência de uma parte da Humanidade e a condição miserável de um ingente número de necessitados, condenados a viverem no meio da indiferença de muitos, é preciso um incremento de amor que sacuda as consciências e leve as pessoas de boa vontade a abrir-se às exigências da justiça e da partilha».

Aos participantes de uma Jornada da Caridade: «O Evan-

gelho da Caridade é a grande profecia do nosso tempo. É a linguagem da Evangelização mais imediatamente perceptível, inclusivé por parte de quem nunca conheceu Cristo. Amar a Deus é amar o Próximo e é a vocação e a missão do crente, pois o amor pelos irmãos descende do amor de Deus e só alcança a sua plenitude quem vive o amor de Deus. Por isso, a filantropia, onde existe, encontra-se impotente perante algumas misérias humanas».

PARTILHA — Vinte mil, da assinante 7769, «destinados ao pagamento de medicamentos para os Pobres mais necessitados, por alma de meus pais».

Cinco, do assinante 53241, do Luso, «para tantas necessidades que nos apresentam em O GAIATO. As vossas palavras têm profunda ressonância no nosso coração e no nosso espírito».

Assinante 6235, de Gondomar, envia «com muito amor pequena oferta para a conta da farmácia e grata pelo vosso trabalho a favor dos irmãos mais desfavorecidos. Deus vos dê muita saúde e força para continuarem a amar a Deus nos irmãos». Obrigado, também.

De Cantanhede, um cheque do assinante 17991, destinado «a custear os remédios de um doente que teve um AVC e não é preciso enviar recibo».

«Avó dos cinco netinhos», de Setúbal, presente com o seu contributo mensal, «pequenina lembrança com todo o carinho e muita amizade» — disse.

Do Porto, o assinante 13862 manda «um cheque respeitante ao mês de Outubro».

Antas (Esposende): «Pequena migalhinha, da assinante 17187», pedindo desculpa «por ser insignificante. Mas, atrás desta, seguirão mais, se Deus quiser». Promessa cristã!

Cinco mil, do assinante 68640, do Porto, e «cordiais saudações» que retribuimos. Remanescente dum vale de correio, pelo assinante 37493, de Figueiras (Lousada), pondo também O GAIATO em ordem. «Uma pequenina gota», da assinante 29661, de Braga. E, por

cheque, «uma pequena oferta» da assinante 36078, de Coimbra.

Assinante 57002, de Senhora da Hora: «Junto o meu contributo referente aos meses de Setembro e Outubro. Esta migalha possa ajudar algum nosso irmão mais carenciado. O Senhor se digne aceitá-la por alma de meu marido». Rezámos por ele.

Ínsua (Carregosa): O cheque, habitual, da assinante 35161, «com um bocadinho mais para ajuda da farmácia». E um justo desabafo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

MILHO — Já foi colhido, ensilado, e é destinado à alimentação das vacas. Com certeza, ficarão saciadas durante todo o próximo ano.

Os rapazes mais crescidos ajudaram no serviço. E os mais novos na desfolhada. Uns dias felizes.

CARAS NOVAS — Recebemos mais um companheiro. É de crer que se adaptará à nossa Casa. Ajudá-lo-emos a ser um homem. É conhecido por Rodrigues e frequenta a quarta-classe.

VISITANTES — Temos recebido muitos, que nos oferecem as mais variadas coisas, desde roupas ao mais pequeno brinquedo.

A propósito: comunicamos aos nossos estimados Leitores que, agora, só temos necessidade de roupa interior; por exemplo: pijamas, *trouses*, meias, lençóis, cobertores, calçado, material escolar.

Desculpem especificarmos as actuais necessidades. Há pessoas que trazem coisas que nem sequer servem para se utilizar...!



Paço de Sousa: Semedo prepara o alimento das vacas.

DESPORTO — Defrontámos, a 8 de Outubro, uma equipa já nossa conhecida. Ganhámos por 12-1. Como primeiro jogo, não é nada mau!

No dia 14, os mais novos ganharam por 3-2 ao Gil Vicente. O plantel parecia um grupo de profissionais!

«Martelo»

SETÚBAL

DANÇA — Vir a ser bailarino é um sonho que acalenta alguns rapazes da nossa Casa.

Há quatro anos começaram oito, na Academia de Dança Contemporânea de Setúbal. Desses oito, já só restam dois. Vamos a ver se algum lá chega.

Tiragem média
d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Outubro,
64.700 exemplares.

RETALHOS DE VIDA

Francisco



Eu sou o Francisco Manuel Leal Neves, natural de Felgar, que fica em Torre de Moncorvo.

Tenho quinze anos e estou no sexto ano do Ensino Básico.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque o meu pai faleceu e a minha mãe não tem possibilidades para me ter em casa.

Tenho ainda mais cinco irmãos que moram numa casa alugada, em Moncorvo.

Quando estava, por lá, só ia às aulas quando me apetecia e... à pastelaria tirar bolos para comer...

Estive num Colégio que deixei por mau comportamento...

Antes de vir para a Casa do Gaiato, definitivamente, andei por cá uns dias. Gostei muito desta malta toda. Senti vontade de ficar, como fiquei, nesta Aldeia tão bonita!

Aqui, logo de manhã, cuido das galinhas. E, de tarde, vou para a Escola. Tenho, agora, mais gosto de estudar.

Francisco Neves

Cantinho dos rapazes

COMO estais, e como vai a vossa vida de Casa, os vossos estudos e oração? Lembrem-se que estas três coisas — o trabalho, o estudo e a oração — são o «coração» de um rapaz da Casa do Gaiato. As três coisas são igualmente necessárias e importantes e devem caminhar sempre no mesmo ritmo.

Eu estou bem, graças a Deus. Os nossos rapazes estão de boa saúde. Estudam, rezam e trabalham.

Estão a caminhar e cada dia que passa sinto que estão a crescer. Já me fizeram chorar e foram eles mesmos que me consolaram. Eu também estou a crescer muito. Estou a ganhar muita experiência e maturidade.

Antes de sair de Moçambique eu já disse a alguns rapazes, mas agora quero dizer a todos em geral. Não vos fieis no erro, pensando que por ser moçambicano, a minha maneira de viver e trabalhar será diferente da do Padre José Maria e da Irmã Quitéria; os três teremos o mesmo ideal e vamos trabalhar na linha do Pai Américo. Até irei apertar mais. Comparando a Casa de Maputo e a de Benguela, vendo que vocês têm quase tudo, de vocês vou exigir mais. O Evangelho diz que «a quem tem mais, exige-se mais».

Por favor, aproveitem o que têm, porque há outros rapazes que não têm como vocês.

Padre Custódio

por uns tios, os quais depois o abandonaram e ele regressou à Casa do Gaiato e à Academia.

OBRAS — Estamos a melhorar os balneários do Lar de Setúbal e as casas-de-banho das oficinas. Eram acanhados e já se encontravam um pouco estragados.

O João Correia tem sido o servente do pedreiro e quer aprender aquele ofício.

O João andou ainda o ano passado na Escola, no 7.º ano, mas não ligou nada ao estudo. Nas obras tem sido um bom auxiliar. Anda contente e todos beneficiámos com o seu trabalho como, o ano passado, todos sofremos com a sua repugnância ao estudo.

As casas-de-banho estão a ficar catitas e o balneário um luxo.

UVAS — Um vizinho nosso, muito amigo desde que nos conhece, deu-nos uvas de mesa. Fomos apanhá-las à sua vinha.

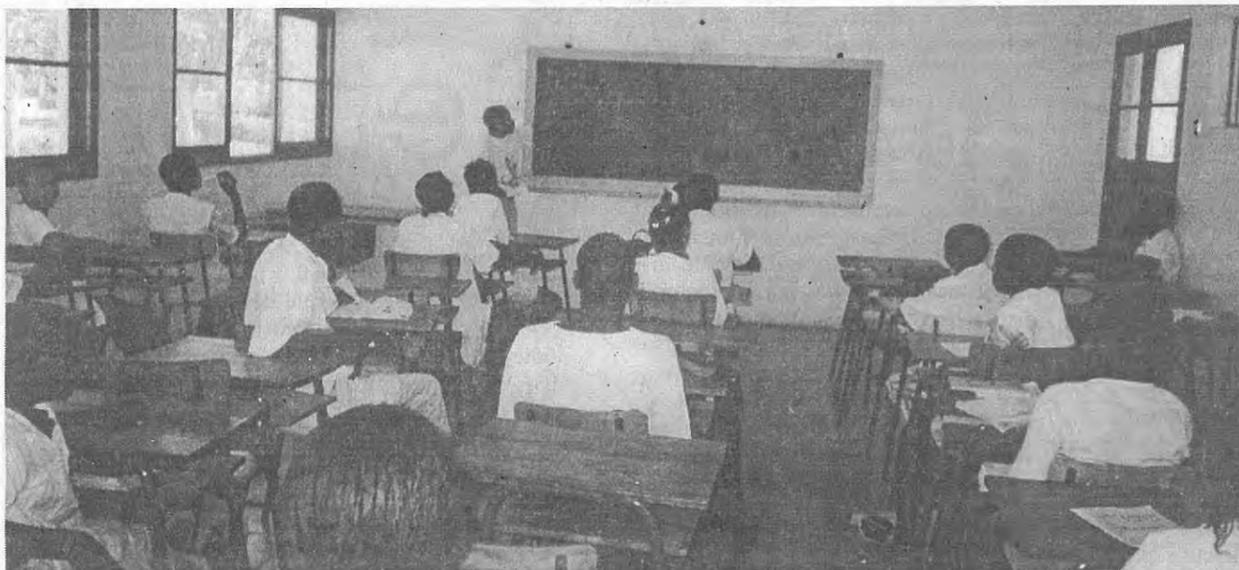
Uma categoria de uvas pela doçura. Alguns bagos tinham podridão, mas nós limpámos os cachos e arrecadámos-os em pequenas caixas na câmara frigorífica. Temos uvas para muito tempo.

O melhor de tudo foi termos ido vindimar. Foi encher a barriga até doer. Os rapazes saltavam de alegria naquele delicioso trabalho. Por três meios-dias apanhámos quase uma tonelada de uvas.

As estrangeiras estão aí nos supermercados a 280 e 300 escudos o quilo. São muito vistosas!... Parecem boas, mas não prestam ao pé das nossas.

ALFACES — Algumas famílias da Beira Baixa instalaram-se nos nossos arredores cultivando e fornecendo alfaces para os mercados das grandes cidades.

Experientes no cultivo das terras, com técnicas avançadas e muito trabalho, vivem com algum desafogo da agricultura. São pessoas cristãs e muito generosas.



Escola de Benguela

Quando fui a Benguela não quis regressar!

DEPOIS da minha Ordenação veio a fase de passar pelas Casas do Gaiato para conhecer profundamente a Obra da Rua. A Casa do Gaiato de Benguela foi o meu primeiro «amor». Quando chegou a vez de deixar Benguela, custou-me muito!

Nesta Casa vivi e convivi, com todos, durante três meses. Foi uma experiência muito rica. Aprendi muito com os rapazes e isso ajudou-me a crescer. Procurei ser um irmão para todos. Sem me aperceber, fui-me envolvendo muito na vida deles e deixei que se envolvessem na minha vida. Esqueci-me de que, em Benguela, estava de passagem. Assumi a Casa como minha e pus tudo o que sou ao serviço da comunidade. É por isso que na hora do adeus senti que deixava para trás um pedaço grande do meu coração.

No livro *Principezinho* que uma senhora amiga me aconselhou que lesse, aprendi que «quem se deixa cativar corre o risco de chorar na hora da separação». Quando fui a Benguela não quis regressar. Tinha-me deixado cativar. Não foi fácil dizer adeus ao grupo dos *Batatinhas* que, diariamente, me cercavam como os pintos à volta da galinha. Vinham com as suas queixas dos mais velhos. Viam, em mim, um amigo sempre disponível para escutar, abraçar e dar-lhes o carinho que as crianças da idade deles precisam.

Custou-me a separação com os pequenos, os médios e os grandes. Estes tinham-me como irmão mais velho. Com muita abertura, liberdade e confiança partilhavam comigo as suas experiências e dificuldades.

Na hora da despedida senti que, de certa maneira, estava a desligar-me da vida destes

rapazes que eram meus companheiros de jornada. Caminhávamos juntos.

Não foi fácil separar-me do Padre Manuel. Aprendi muito da sua experiência de servir os rapazes, e da sua vida espiritual. Vive do trabalho e da oração. Gostei muito do espírito de partilha com os Pobres. Todos os dias a Casa fica cheia de gente necessitada de um pedaço de fuba, de milho, para poder sobreviver.

Sem dar nas vistas, na Casa de Benguela está uma senhora com um coração de mãe — a Teresa. Na sua simplicidade, aprendi muita coisa. Ela sempre me encorajava e me ensinou a ser paciente, a não procurar ver os frutos do trabalho feito, pois que os frutos levam o seu tempo.

Custou-me, também, a separação das monjas dominicanas, que fazem parte da vida da nossa Casa. Contribuíram para o enriquecimento da minha vida espiritual. Com elas aprendi que «*ser Igreja significa ser de todos e ser de Deus*».

Já saí de Benguela. Separei-me daquela Casa que é minha, também. A vida é assim mesmo, está cheia de separações. Viver, é isso mesmo, afastarmo-nos do que amamos. Viver, sabendo dizer adeus, é compreender a vida e isso é necessário para o nosso crescimento.

Agora o que me resta é dizer obrigado à Casa do Gaiato de Benguela. São o meu primeiro amor e levo-os no meu coração. Levo as memórias vivas da Missa de Acção de Graças celebrada no salão. Todos os dias oiço a voz dos rapazes que, no fim da Missa, cantavam em coro: — *Você é meu irmão; você, você é meu irmão!*

Padre Custódio

Malanje

Continuação da página 1

14/10/2000

Aqui, é melhor...!

INVESTIGAMOS com maior cuidado e descobrimos que os

meninos têm pais... Fugiram de casa: «Aqui, é melhor: comida e colchão!»

Comida e colchão! Nem o amor de mãe...

Nem o elo da família...

Sobreviver... Ter comida...

Com pena e dor mandamos os meninos aos pais.

Vamos estudar uma ajuda à família.

Padre Telmo



Miranda do Corvo: A alegria dele, junto da porca com grande ninhada.

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— A família que estava separada reconciliou-se. Continua unida. O pai, mal das suas graves doenças. O filho melhorou bastante com os tratamentos. As meninas estão bem. Tiveram um ano escolar proveitoso. São estudiosas e aplicadas, graças a Deus.

A senhora de 85 anos — que vive com o filho, os netos e a nora — vai andando com as

dificuldades de sempre. O menino que nasceu com graves problemas nas pernas, está praticamente curado. As operações a que foi submetido tiveram bons resultados. Já caminha bem. Está esperto e bonito. Vai fazer cinco anos.

A senhora cancerosa, de 87 anos (que vive com um filho um pouco atrasado), agora vai melhor. Esteve, de novo, internada e melhorou bastante. Da última vez que a visitámos, lá ia andando com ajuda e bem disposta.

As pessoas gostam das nossas visitas e palavras amigas.

RECEBEMOS — Judite, de Arouca, com uma encomenda, um vale para medicamentos e a carta cheia de palavras amigas e de coragem para todos nós.

Amiga M. M., os vales, de sempre. Das Amoreiras, o cheque e boas palavras, também. Dolores, com 1.500\$00. Anónimo, 5.000\$00. Santa Maria da Feira, idem. J. Álvares, vale de 2.000\$00. Otlia, do Porto, com um cheque. Anónimo,

de Paço de Arcos, cheque de 10.000\$00. Assinante 22801, 5.000\$00. J. R. D., duas cartas com dois mil. Anónima, 20.000\$00. Um cheque e carta pedindo anonimato, da qual transcrevemos o seguinte:

«*A minha admiração pelo vosso espírito de partilha nestes tempos de tanto egoísmo e imoralidade. Deus vos recompense. Eu conheço a Obra de Pai Américo há muitos anos. Era estudante em Coimbra quando ouvi falar dela nas Missas do Colégio. Depois, pela leitura d'O GAIATO sempre a acompanhei. E quando lia os artigos da Conferência do Porto ficava sempre a pensar em mandar uma pequena ajuda. Mas os anos foram passando, o tempo vai-nos absorvendo e só hoje consegui cumprir o desejo. Desculpem o meu adiar.*»

Bem haja a todos pela Força que nos dão. Deus lhes pague.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

M. Germana e Augusto

Mar rude!

É Setembro.
Entro decididamente
Pelo mar a dentro...
Num local fundo
Onde te encontro
Verifico que o mar rude
Fez alguns destroços.

Tal como um barco
Transporta pescado
Agarras-te a mim
E levo-te até à areia.
Verifico que o mar rude
Assustou-te e magoou-te.

Agitas o teu corpo
Emitindo sons
Tal como um trabalhador
Fornecer riqueza
Na fábrica ou na empresa.
Verifico que o mar rude
Rotativamente se esvaziou.
Tu e eu deitados
Felizes com o arco-íris
Podemos outra vez ouvi-lo!

Manuel Amândio

DOCTRINA

O GAIATO
vai ser um filme vivo...



ESPERA-SE que O GAIATO saia nos primeiros e terceiros domingos do mês. Temos já recebido pedidos de uma dúzia de assinaturas. Convém que cada um diga com quanto deseja subscrever e assim se manda cobrar. Trata-se de uma modalidade da clássica subscrição para Obras de Assistência, a qual nem sempre perdura; não que as Obras se bastem, mas sim que, ordinariamente, os cavalheiros mai-las senhoras depressa se cansam. Ora o nosso pequenino Jornal sendo, como vai ser, um filme vivo, pode muito bem acontecer que te não canses de ver nem te arrependas de pagar; e daí o preferir a gazeta quinzenal ao recibo do cobrador.

O Jornal é distribuído simultaneamente no Porto, Coimbra e talvez Lisboa. Os gaiatos de Miranda do Corvo vêm a Coimbra, que já os temos ali capazes. Nas próprias ruas onde dantes vadiavam, hão-de levantar o pregão do seu Jornal. No Porto, também assim há-de ser; mas, por enquanto, não. Manda listas com assinantes para o regente da Casa do Gaiato, Paço de Sousa.

O Subsecretário de Estado da Assistência Social visitou Paço de Sousa. Já agradei. Sei o que essa visita representa e o bem que traz. Tive então pena de não ter apresentado o pessoal maior da Casa: O Sérgio de 16 anos é o Manuel Durães de 15, os dois servos — chefes da Comunidade. Nem os orientadores: Uma senhora que se desfez de tudo quanto possuía para merecer servir, e um professor — unicamente. Ora aqui é que se encontra precisamente a revolução social de que fala o mundo quando fala desta Obra; e de que falou igualmente aquele Ministro do Governo, ele que fala tão pouco e tão raras vezes.

SIM. Quem dera que propague a doutrina social das Casas do Gaiato, para o bem da multidão de crianças actualmente autómatas de um complicado maquinismo, em lugar de almas livres, de uma Obra simples. Tão adoravelmente simples, que os mais desgraçados tornam-se num instante os mais felizes! Dois rapazes que foram das ruas conduzem sessenta garotos da rua. A distância, uma senhora e um cavalheiro orientam.

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

que quando era detectada uma criança com comportamentos de risco se estava a obrigar os pais a fazerem um curso de paternidade responsável, fornecendo-lhes informação sobre os comportamentos desajustados e, ao mesmo tempo, ajudando-os a recriar o diálogo educativo com os filhos. Aqui está um campo de investimento desejável, não só quando já há fogo, mas deveria ser antes, investir na prevenção. Acontece porém que as nossas legislações vão para o lado de todas as facilidades na procriação e

muito poucas responsabilidades na educação.

Um segundo exemplo apareceu com ar de escândalo, dizendo que o governo inglês agora defendia a virgindade com campanhas nos jornais e televisão. Acontece que existe uma campanha sobre a paternidade responsável e sobre a sexualidade responsável. Será que não teremos muito para reflectir sobre estes assuntos? Depois são paliativos, é a pílula do dia seguinte, são os preservativos, são os lares para mães solteiras, e são as crianças que sofrem... Não seria muito mais rendível investir numa educação da sexualidade, onde os padrões

telenovescos fossem confrontados com a realidade do dia-a-dia do ser humano, com todos os seus sofrimentos provocados pelos nossos comportamentos desajustados? Ou será que a sexualidade é um campo onde não precisamos de regras, de organizar o humano?

Terceiro exemplo: Em Inglaterra, andar fora de casa, sem a companhia dos pais, até aos dezoito anos, depois de determinada hora, implica que os pais sejam chamados à esquadra a fim de tomarem conta do filho; que o diga o primeiro Ministro Britânico... Nós, por cá, terra de brandos costumes, damo-nos ao luxo de ver adolescentes na rua a qualquer hora da noite sem que eles ou os pais sejam minimamente incomodados.

Agarro-me à esperança de que a Humanidade vai aprendendo com os seus próprios erros e que, reflectindo, suba mais alguns degraus na descoberta da maravilha que é o ser humano cada vez mais humanizado.

Padre Manuel Cristóvão

Setúbal

Continuação da página 1

nada resultaria. Era mal para ele, para a Sociedade e para nós.

Aquele Padre disse que não. Se o rapaz tivesse nove, dez, ou onze anos, recebê-lo-famos e naturalmente beneficiaria muito do nosso estilo de viver, talvez mesmo se equilibrasse. Com esta idade, não.

Mas ficou-me dentro da alma uma aflição. Quem irá amparar?

Com tanta instituição que há pr'af destinada aos Pobres; com tantas estruturas oficiais e semi-oficiais; com tanta teoria e panaceia; tantos seminários e conferências sobre a exclusão!... Quando aparece um caso concreto, quem lhe pega?

Esta é uma ocasião presente, actual, viva!... Quem lhe acode?!...

Se eu tivesse uma comunidade eucarística alargada, bateria à porta de todos os corações e as minhas homilias versariam sempre o assunto até que alguém, alguma família ou pessoa só se apresentasse.

— É um homem caído?!... — Aqui estou eu para o levantar conforme as minhas posses.

Maldiria tanta instituição nascida para acudir aos Pobres, aos incapazes e a meter dentro das suas portas toda a gente, menos os diminuídos.

Toda a hipocrisia social vem ao de cima nestes momentos!

Meu Deus! A gente anda consumido com tanto rapaz e tanto problema. Só Tu, Senhor, o sabes melhor que ninguém. Acode-nos com cireneus, não místicos nem poetas, mas reais — homens e mulheres que ouçam o Teu grito e respondam afoitamente: Eis-me, decidido a fazer a Tua Vontade Santa.

Padre Acílio

Testemunhar a Caridade de Cristo

Continuação da página 1

E depois de louvar e abençoar «os esforços

para ajudar os homens em dificuldade a recuperarem a própria dignidade de seres humanos,

(...) sobretudo ajudá-los a experimentar que Deus os ama e quer que sejam protagonistas do seu auto-desenvolvimento», conclui: «É nesta luz que se coloca a inteira acção caritativa da Igreja, (...) nesta perspectiva que deve ser vista toda a intervenção caritativa eclesial» (...) e «todos os que nela trabalham para a Caridade sejam muito mais do que simples assistentes sociais, pois devem ser verdadeiras testemunhas».

Não é novidade o que o Papa disse. Há muitos

anos que ouvi de D. António Ferreira Gomes aquela palavra definidora que nunca mais esqueci: «A Igreja não faz assistência; faz Caridade».

Porque quis Pai Américo que a sua Obra se fundasse na confiança Providencial, no exclusivo abraço da Justiça do Reino de Deus e nunca na dependência dos poderes do mundo — senão para que a essência da Obra e a explicação do seu encanto, fosse prova-real do Deus-conosco, sempre connosco em Jesus Cristo?!

O Papa exprimiu a feliz ocorrência deste encontro referido com o ano Jubilar, «para reflectir sobre o valor e o significado da obra que a Igreja realiza em favor dos mais pobres. O Jubileu é convite a gestos de solidariedade concreta com os necessitados. Mas

é também tempo de conversão».

Apelo muito oportuno a gestos, sim, mas a gestos com alma, que não desfigurem o rosto da Igreja em fachadas de agência humanitária nem a desviem do seu ser fundamental de Testemunha.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Qual será, na Eternidade, o galardão destas Mães, santas sem o saberem, a lutarem todos os dias contra todos os elementos! E tu cuidas que és muito importante, só porque passeias na Baixa as tuas raposas às costas, sem se te dar destas Mães desprovidas — tu, preciosa nulidade!

PAI AMÉRICO

Património dos Pobres

Obras em casa velha

FOMOS conhecer uma família que começou obras em casa velha onde vive, e que há algum tempo adquiriu.

Sendo as paredes exteriores em pedra tosca, vedaram as juntas entre as mesmas

e fizeram um pequeno arranjo geral. O telhado, embora o limpassem, com a chuva que já vai caindo, começou a deixá-la passar.

Foram os problemas surgidos com a falta de saúde, que os levaram a recorrer ao Pároco. A paróquia, por si só, não tem pos-

sibilidade de socorrer esta necessidade e vem a nós: «Vemo-nos forçados a recorrer ao vosso auxílio».

Trata-se de um casal com um filho de 15 anos. Seu pai, devido a problemas de coluna, não pode continuar a trabalhar e corre o risco de ficar paralisado. A mãe, também com falta de saúde, teve de deixar de fazer horas e passar a cuidar só da lida da casa. O rapaz, franzino mas muito responsável, foi obrigado a deixar os seus estudos no nono ano e passar a ser o ganhador do agregado familiar. Com a idade que tem, a lei não o permite, mas a necessidade obriga a este sacrifício.

Fomos ao Pároco e levámos a ajuda que vais depositando em nossas mãos.

Resposta às necessidades

A resposta às necessidades dos Pobres que vão erguendo as suas casas, surge tantas vezes de quem conquista com sacrifício a sua própria habitação e por isso lhe aprecia o valor: «É bom ter uma casa — é motivo de empenhamento, de união, de alegria. Para ajudar essa concretização, envio uma pequena ajuda».

É também de quem partilha aquilo que não lhe sobeja, mas confia...: «Falei com minha mãe, que vive comigo (somos duas

viúvas). Disse que podíamos ajudar este caso, pois Deus não vai deixar que nada nos falte».

As migalhas oferecidas, são penhor das próprias necessidades: «Muitos poucos fazem muito. Vamos dar as mãos e fazer tudo o que pudermos pelos nossos irmãos mais carenciados; assim sentiremos melhor quando pedirmos: — Senhor, ajuda-me nas minhas necessidades».

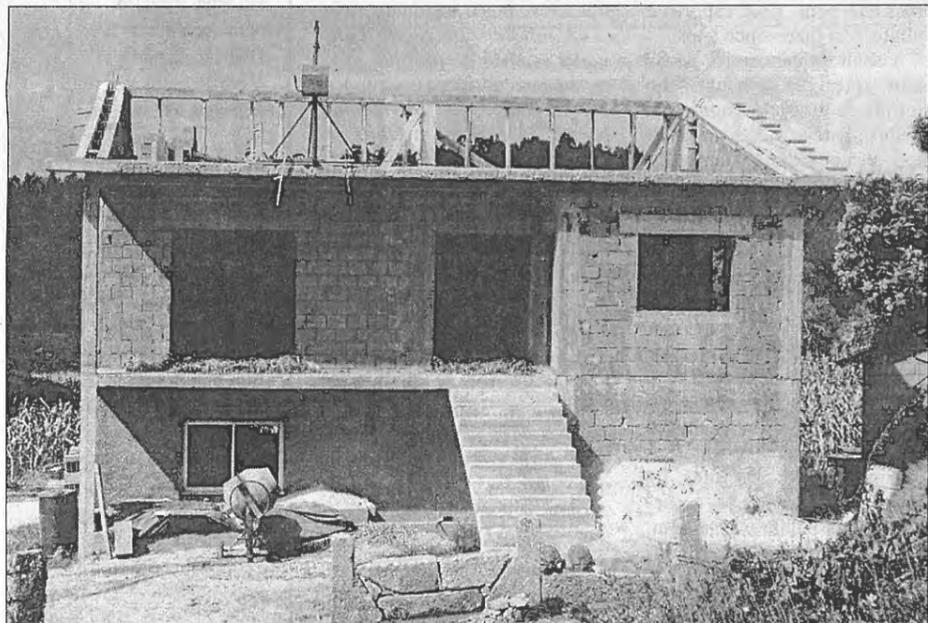
É com este sentido que alguém nos diz: «Também a minha vida tem sido uma inquietação, por um problema de saúde com o meu marido. Aceite esta pequena oferta dada com muito amor».

Só com este espírito se pode edificar. É assim que outro Amigo faz a sua prece: «Que Deus toque os corações dos cristãos e nos faça partilhar os dons recebidos — materiais ou outros».

Partilhar, é também maneira de alcançar um bem por caminhos diversos: «Eu desejava ir a uma peregrinação. O vosso e nosso Jornal inquietou-me e pensei — vou dar uma parte do dinheiro dessa viagem a esta pobre gente... E aqui estou a fazer o que me diz o coração».

São luzes que se acendem. A semente vai germinando nos corações dos Amigos dos Pobres e vai dando seus frutos.

Padre Júlio



Tantas vezes chegam ao telhado, mas não conseguem acabar...!